

Presidencialismo de Coalizão

Carlos Honorato, junho de 2016.

Uma das piadas do momento, nos meios de comunicação internacionais, é a meteórica passagem do Ministro da Transparência, bem como sua espetacular queda das alturas ministeriais. A sua carta de despedida do governo do presidente – tampão também é motivo de chacota internacional, em função dos polidos e educados argumentos. Quem não conhece a história e lê a carta pensa que o digníssimo ministro estava há quase 10 anos no cargo, tal é a elegância do agradecimento da “confiança depositada”. O problema é que o mundo sabe (da mesma forma que nós sabemos) que o funcionamento do governo brasileiro depende de uma coisa chamada “acordo”, gerando o mal fadado “presidencialismo de coalizão”.

O sistema presidencialista, especialmente o brasileiro, confere “super poderes” para o ocupante do cargo e uma “caneta pesada” para assinar cheques para os amigos do poder. O presidente, ou melhor, o super-presidente brasileiro só consegue perder seu cargo se não possui apoio legislativo nenhum e se comportar de forma arrogante (como foi o caso Collor!) ou se administra a coisa pública de forma pouco competente e deixar a corrupção correr solta pelo planalto (como foi o caso Dilma!).

Por outro lado, o fato de “ser de coalizão” faz com que o presidente (seja ele tampão ou não) precise negociar com os mais diferentes abutres legislativos, conhecidos também como deputados e senadores, para conseguir fazer o que precisa ser feito. É o que popularmente se chama de “toma ali e dá cá”. Logo o super-presidente deixa de ser super e passa a ser um negociador de cargos e votos.

A combinação desse sistema que dá super poderes de um lado e retira todos esses super poderes por outro, faz com que o sistema tupiniquim inventado por nós seja uma forma efficientíssima de gerar uma paralisia quase completa das instituições. Os breves espaços de tempo que “as coisas” andam é quando um presidente possui um “algo a mais” do tipo respeitabilidade em função da sua imagem como estudioso da sociedade (caso FHC!) ou quando possui um discurso carismático – populista que embriaga a massa (caso Lula!).

Quando o presidente de plantão não possui esses atributos pessoais superiores, as instituições não funcionam e o governo naufraga. Foi o caso da tia Dilma e é o caso do atual “temido Temer”. Ora, quando o sistema depende de pessoas especiais para funcionar é porque o sistema não é bom. O sistema não sendo bom, na sua estrutura, os acordos realizados fazem com que gente como Fabiano Silveira, o meteórico Ministro

da Transparência, desfile a sua incompetência e sua ingenuidade no cargo mais alto do governo. Pode-se ter quase certeza que o irresponsável ex-ministro não tinha a menor idéia da importância do cargo que estava ocupando, pois chegou lá em função do “acordo” realizado por seu padrinho.

Se não desejamos mais ser alvo das chacotas internacionais e se não desejamos mais ouvir a história de que “lá nada funciona!”, é preciso acabar com esse mal fadado presidencialismo de coalizão. Dizemos que o nosso sistema se inspirou no norte-americano, mas lá existem dois partidos (que realmente disputam o poder!) e esses possuem bases ideológicas sólidas e mais, aqui, temos duas dúzias de partidos, sendo sua grande maioria “de aluguel” e especialistas em apenas “botar a mão no dinheiro público”.

Temos que pensar em soluções e, seguramente, o parlamentarismo pode ser uma delas.